

Arte com Noël Carroll: do formalismo ao pluralismo

Luana Frasson¹

CARROLL, Noël. *Art in three dimensions*.

New York: Oxford University Press Inc., 2010.

Resumo

A presente resenha traça um paralelo entre os ensaios presentes no mais novo livro de Noel Carroll, epopéia do filósofo contemporâneo que, ao longo dos vinte anos de produção dos ensaios que constam no livro, conseguiu ler com a devida contemporaneidade a produção audiovisual e cultural moderna, com seu desenvolvimento e conseqüente metodologia de ensino, o foco aqui é a participação crítica e teórica no ensino e apreensão das manifestações artísticas.

Palavras-chave: *Noel Carroll; Arte Comunicação Visual.*

Durante as últimas duas décadas Noël Carroll se estabeleceu como um dos filósofos mais importantes de arte contemporânea, o lançamento deste livro em 2010, laureia o autor com uma coleção que reúne alguns dos ensaios que alçaram sua reputação. O título se refere à unificação desses ensaios variados sobre arte e suas manipulações durante este século, o olhar dos filósofos perante as mudanças na arte e o modo com que nossos olhos se transformaram com seu avanço e nossa história, sob o ponto de vista da multiplicidade; seja a partir da produção, seja através da recepção. O livro trás um compêndio das possibilidades filosóficas do olhar e vê a arte como parte do tecido de nossas vidas, que só pode ser entendido quando é visto em seu contexto social, cultural e biológico. Carroll se

¹ É graduanda em comunicação pela UNESP e pesquisadora de cinema extremo, atuando também como cineclubista e colaboradora do caderno cultural do Jornal de Piracicaba.

opõe ao formalismo – produção pela forma -, ao esteticismo – produção pela apreciação -, e à sugestão de que a experiência estética é desinteressada (no sentido de ser removido das nossas preocupações cotidianas), também acreditando que um completo entendimento das artes exige um olhar crítico para toda a gama de obras audiovisuais, reorientando o olhar do crítico com relação à produção cultural popular da sociedade contemporânea, seja na dança ou no teatro, da ópera à novela, da pintura ao cinema, da erudita para a arte popular. Os pensamentos filosóficos nos estudos das artes audiovisuais tornaram Carroll, indiscutivelmente, um notável pensador do nosso tempo.

Carroll preocupa-se na primeira parte do livro, em organizar seus ensaios à explicação e definição de conceitos básicos de “arte” e ao estudo da filosofia analítica (ou conceitual) que constitui o conceito – controverso – por trás das teorias analíticas e a forma com que ela é difundida (principalmente nas universidades, tentando encontrar um eixo que explique a “aversão” ao estudo metódico nos cursos ligados à arte).

Carroll rejeita o simplismo das questões propostas pelas análises conceituais e inverte a questão para a complexificação dos conceitos, então passíveis de análise e que se encaixem na produção de arte do nosso tempo, “clareando” os conceitos para que eles ganhem aplicabilidade. Assim, para se modificar os conceitos, a primeira mudança seria definir o que é arte. As respostas de Carroll vão desde sua produção – e seus significados abstratos - passando pela reflexão acadêmica e chegando a reação da audiência frente ao objeto. Todos esses aspectos – sejam eles metafísicos ou epistemológicos -, segundo Carroll, devem ser levados em consideração à categorização da arte. Se antigamente o reconhecimento de uma obra artística era imediato e quase consensual, hoje ela exige o reconhecimento de artefatos interculturais que problematizam questões simples e contrapõe ao que se convencionou aceitar por arte, na cultura ocidental. Segundo a problemática sugerida por Clive Bell e levantada no mesmo tópico por Carroll; para a arte ser considerada “arte” ela deve, antes de tudo, ter a “forma” de arte - o que limitaria a experimentação do artista – e, invariavelmente, transformaria a produção em um círculo vicioso que não compete somente à temática rotativa das produções, mas também ao condicionamento de sua produção, a partir dessa colocação, Carroll explicita uma série de teóricos e suas críticas à análise da obra de arte e sua constituição ao longo do século vinte.

Carroll ainda propõe que os estudos conceituais busquem aporte nas formações narrativas; e se a última oferta da vanguarda não fosse a arte? E se os paradigmas encontrassem referência no próprio observador e a proposta buscasse resposta em um fluxo

contínuo da arte entre criador, criatura e observador? A dificuldade do reconhecimento do trabalho da vanguarda é a falha no canal de compreensão entre o artista e a audiência e a melhoria nas narrativas propostas aqui por Carroll, seria então um recurso de aproximação entre o artista e audiência, porém, ainda que resolvesse o problema da “circularidade” da arte, em nada resolveria a questão do princípio, afinal, o que é arte? Assim, ele chega à conclusão de que optar pelo uso narrativo de explanação conceitual, não é abdicar da filosofia analítica de compreensão da arte, mas sim confrontar a teoria clássica desses conceitos, onde o formalismo – também compreendido como o limite de apreciação artística – impera. A partir daí, o autor nos revela na terceira e quarta parte do livro, o percurso que o pensamento formalista realizou ao longo da história, indicando o mesmo como bom aparato pedagógico de ensino da arte, mas não único na medida em que é limitado, pois, tal qual o esteticismo, levaria a uma produção viciada de arte, que já nasce com a função de “realizar” uma experiência, já fazendo com que perca seu propósito natural.

O autor ainda levanta o surgimento das classificações dos movimentos artísticos como um importante passo na definição de arte, como previa Aristóteles (Carroll, 2010: 45), primeiro se verifica os membros de uma categoria, depois se analisa a natureza das coisas e, por fim, se tem o conceito de algo novo, como o caso das belas artes. Porém, Carroll observa que tanto Platão como Aristóteles, eram propensos a isolar o que tinham por “essência” da arte como o senso de belas (ou finas) artes, ou seja, existe uma limitação do conceito central de interpretação possível da obra ou da interação (tendo em vista que o ideal de arte era a imitação do belo), assim, a arte seria a mimese do real e a produção artística seria compreendida a partir de seu potencial fotográfico, idéia que hoje em dia é descartada, mas, em contrapartida, gera a falsa impressão de que “tudo é arte”. Filósofos como Arthur Danto, tinham a arte como algo que “os olhos não podiam descrever”, talvez a representação máxima fosse por meio de objetos antropomórficos dotados de extrema expressão emocional, visual e intencional onde tudo diga respeito – e comunique-se - com alguma coisa, e, enfim, inclassificável. Noel não chega a um consenso quanto a isso, mas a errônea idéia de que tudo é arte veio opor criatividade ao tradicionalismo – como se uma fosse barreira ao sustentáculo da outra – nos revelando a idéia de uma arte moderna, porém é através do pluralismo da tradição que se rompe a corrente artística e capta-se o novo, ainda que com as regras do antigo, atingindo uma gama de possibilidades de novos conceitos, enfim, Carroll nos lembra em diversos ensaios, que ninguém rompe com o

passado que não conhece e que o estudo das artes também corresponde à parcela do processo criativo.

O autor também sugere que a arte desperta “insights” sobre estados afetivos absolutos a partir de seus efeitos somáticos no artista e no observador (exemplo também aplicado à literatura e outras artes de representação), segundo Carroll, a música absoluta (em um ensaio sobre a dança, ele retorna a esse tema. Carroll escreve que, "(...) algumas danças são melhores compreendidas pelo aprofundamento do movimento inspirado pela música... Pela ativação dos reflexos motores no corpo do espectador". [Carroll, 2010: 492]).

Os 25 ensaios deste livro são inteligentes e concatenados, informando de forma abrangente sobre as artes e a filosofia que as constitui. A coleção é um pouco repetitiva e, em certos aspectos, uma monografia sistemática teria sido desejável. Não há dúvidas de que qualquer pessoa interessada em filosofia da arte pode aprender com Carroll e seus paroxismos filosóficos.

Referências Bibliográficas

CARROLL, Noël. Art in three dimensions. New York: Oxford University Press Inc., 2010.